

ISSN: 1983-8379

O prognóstico de um mal: Nazismo e opressão no cinema e na literatura alemã

Raphael Bessa Ferreira*

RESUMO: O presente trabalho discute a temática da ascensão do regime totalitário Nazi-Facista no cinema e na literatura alemã. A análise das novelas *Mário e o Mágico* (1930), de Thomas Mann; e *O Professor Unrat* (1905), de Heinrich Mann, bem como a película *O Gabinete do Doutor Caligari* (1920), de Robert Wiene farão parte do escopo analisado junto ao estudo de Siegfried Kracauer, *De Caligari a Hitler-uma história psicológica do cinema alemão*, como obras que discutiram a problemática do comportamento psíquico humano em seu tempo.

Palavras-chave: Cinema alemão; Literatura alemã; Nazismo.

ABSTRACT: This paper discusses the theme of the rise of the totalitarian regime Nazi-Fascist in German film and literature. The analysis of the novels *Mario and the Magician* (1930), by Thomas Mann, and *Professor Unrat* (1905), by Heinrich Mann, as well the film *The Cabinet of Dr. Caligari* (1920), by Robert Wiene will be part of the scope considered by the study of Siegfried Kracauer, *From Caligari to Hitler - a psychological history of German cinema*, as works that discussed the human psychological behavior in his time.

Key words: German Cinema, German Literature, Nazism.

Literatura e cinema em diálogo: o mal e o nazismo na Alemanha

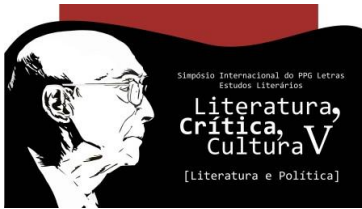
Sabe-se que tanto cinema quanto literatura abordam o pensamento de uma nação e até mesmo de uma civilização ao longo de um período ou também em um curto espaço de tempo.

A criação poética estabelece a reflexão crítica acerca do espírito de uma época (*Zeitgeist*) enquanto arte pragmática, de confronto aos problemas que cercam o homem: sejam os conflitos sociais ou existenciais.

Enredado a este pensamento, a arte alemã do período pré-hitlerista conseguiu visualizar, de forma premonitória e universalista, o declínio de sua alta civilização e o prenúncio de tempos sombrios. A arte, neste caso, não serviu apenas como ferramenta de pensamento, mas também de alerta ao leitor e à toda uma cultura até então enfermeira.

Prova deste caráter profético da arte alemã se deu em um estudo peculiar à época, a pesquisa do sociólogo e historiador germânico Siegfried Kracauer “*De Caligari a Hitler – uma história psicológica do cinema alemão*”. Neste trabalho original, Kracauer abrangerá a relação cinema-sociedade como parte de um complexo jogo de análise comportamental da Alemanha. O homem do período, caracterizado pelas personagens doentes e insanas das

* Professor Assistente de Literatura da Universidade do Estado do Pará – UEPA.



ISSN: 1983-8379

películas expressionistas, é metáfora da condição massificante do indivíduo que perde o seu caráter de cidadão e de individualidade, tornando-se homogêneo e alienado.

Desta forma, o presente trabalho irá discutir tal temática a partir de três eixos: o cinema alemão expresso na obra *O gabinete do Dr. Caligari*, de Robert Wiene; a literatura alemã com *Mário e o Mágico*, de Thomas Mann e *O Professor Unrat*, de Heinrich Mann; o ponto mediador entre literatura e cinema será o trabalho já citado de Siegfried Kracauer *De Caligari a Hitler*. A reflexão acerca do problema nazista e do mal metafórico e literal da tirania e da opressão na Alemanha serão pontuados também no presente estudo.

1. De Caligari a Hitler: o inconsciente de um povo plasmado na arte

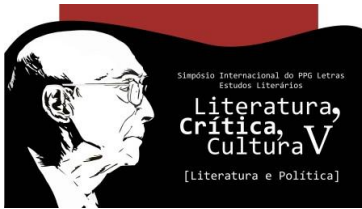
A viagem histórica de Kracauer perpassa toda a produção cinematográfica alemã do período de 1910 até o momento do pós-primeira guerra. Kracauer analisou o cinema alemão do entre guerras como uma expressão artística que refletisse o terror, o medo e o ódio de uma civilização até então apática diante de um novo conflito entre nações, mas que, no seu interior subjetivo, escondia um assunto embaraçoso: o nazismo.

O olhar crítico ao comportamento de seu povo o fez concluir que aquela sociedade já adoentada produziria uma arte em que o macabro e as taras psíquicas do homem, seus medos, seus vícios e o seu interior doentio são explorados pela aliança entre cor, som e imagem. O expressionismo bastaria por si só.

O cinema da época refletiria o inconsciente recalcado de um povo culturalmente elevado. A mentalidade dos germânicos era trabalhada pelos diretores e roteiristas mesmo de forma automática, ou sem certas finalidades discutidas pelo sociólogo alemão.

Kracauer enxergava nas produções cinematográficas do período o comportamento e as relações intrínsecas entre os indivíduos de uma sociedade insana: “só se pode compreender totalmente a técnica, o conteúdo da história e a evolução dos filmes de uma nação relacionando-os com o padrão psicológico vigente nesta nação” (KRACAUER, 1988, p.17).

A própria gênese do partido nacional-socialista alemão viria de um trauma oriundo de muitos fatores internos ao passado histórico daquele povo, é conveniente afirmar que o conflito da primeira guerra é motivo também de se compreender o medo e a tirania que



ISSN: 1983-8379

reinaria na nação de Goethe, como nos diz Kracauer: “O cinema alemão não se limitou a tratar da tirania, mas também se perguntou sobre o que poderia acontecer se a tirania fosse rejeitada como um padrão de vida” (KRACAUER, 1988, p.108).

2. O Gabinete do Dr. Caligari: do espetáculo alienante ao horror da tirania

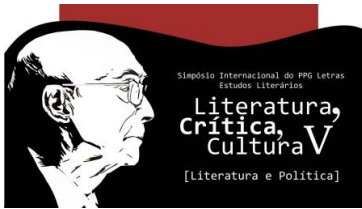
O enredo do filme de Wiene perpassa a figura do Dr. Caligari, interpretado pelo ator (Werner Krauss). O Doutor do título é um mestre da hipnose que chega a uma pacata cidade do interior, Holstenwall, para se apresentar junto de seu assistente, Cesare; interpretado por Conrad Veidt. O espetáculo é simples, através de suas técnicas de hipnotismo, Caligari comanda e ordena a Cesare que faça qualquer coisa, qual um truque de mágica por pura diversão.

A contraparte que os populares, admirados que estavam pelo show do Dr. Caligari, nem sequer almejavam desconfiar é a de uma série de crimes que começam a haver na pacata cidade. Os crimes, lógico, são cometidos por Cesare sob estado de hipnose.

O mote da narrativa não é, como muitos o querem, os crimes ou o espetáculo promovido pelo Dr. Caligari, mas sim a forma como o autor do texto fílmico brinca com o sentido metafórico da hipnose para nos passar uma mensagem bem clara: sob o comando de artifícios que literalmente divertem o público, o homem dono do espetáculo hipnotiza não apenas o seu ajudante, mas o próprio público espectador. Com a astúcia de alguém que irá trazer a diversão e a mudança no modo de vida pacífico dos moradores do vilarejo, o promotor do espetáculo, o tal “Doutor”, na verdade é alguém que ilude os seus clientes.

A simbologia é bem clara, pois a técnica da hipnose é a arma usada por Caligari para conseguir os seus objetivos sob o público alienado da cidade de Holstenwall. O uso das forças psíquicas do inconsciente sob as ordens de uma mente insana podem, como pôde ser visto no filme, acarretar um verdadeiro uso de tais práticas pelo viés antiético, amoral e até mesmo para fins egoístas.

À época do lançamento do filme, por exemplo, a psicanálise freudiana estava já caminhando de leste a oeste da Europa, o interesse da vanguarda de arte moderna



ISSN: 1983-8379

expressionista, cujo maior nome é um pintor que se inspira em sonhos; Salvador Dalí, chegava à Alemanha com a força e mestria do grupo Die Brücke (A Ponte).

Siegfried Kracauer, em *De Caligari a Hitler* (1988), se debruçou sob a perspectiva da película ser uma espécie de presságio de um futuro escuro, sombrio e insano qual a técnica cenográfica empregada pelo filme, além, é claro, de ser uma época em que o autoritarismo iludiria um povo de forma enfática, o futuro da era nazista de Adolf Hitler: “o Caligari de Wiene glorificava a autoridade e condenava o antagonista à loucura” (KRACAUER, 1988, p. 84).

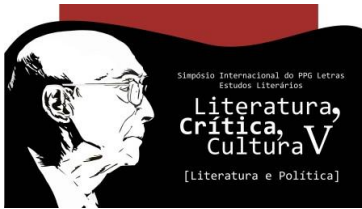
O filme expressionista de Wiene é, na leitura de Kracauer, marcado pelo teor de investigar o inconsciente de um povo impulsionado à reconsiderar sua crença tradicional na autoridade.” (KRACAUER, 1988, p.84)

A alegoria sinistra do filme para com o tumor que estava ainda em estado silencioso dentro da cultura e do ser do povo germânico não deverá ser pontuado aqui como uma leitura única da obra cinematográfica, o que se quer é destacar que esta mesma observação feita por Kracauer pode ser encontrada em outras obras artísticas do também povo alemão: as duas novelas dos irmãos Mann: *Mário e o Mágico*, de Thomas Mann; e *O Professor Unrat*, de Heinrich Mann.

3. Mário e o Mágico: a atmosfera desagradável do insólito

Após uma viagem familiar pela Itália no auge do Facismo de Mussolini no poder, Mann escreve, ainda mais com a inserção do regime hitlerista na Alemanha, *Mário o Mágico* (1930). A novela aborda a vida de uma família que, de férias pela Itália, assiste a apresentação de um mágico, Cipolla, um grande e renomado mestre da arte da hipnose, e que acaba por dominar mentalmente sob seu controle um jovem empregado do estabelecimento hoteleiro, Cesare. Depois da humilhação, o jovem retorna para assassinar o mágico.

A metáfora da tirania é bem clara, já que o hipnotizador pode fazer com que qualquer um possa amá-lo, servi-lo e se prestar às suas próprias ordens. Na introdução da narrativa o ar sinistro da região e dos futuros acontecimentos envolvem o narrador da trama, o pai da família:



ISSN: 1983-8379

Torre di Venere me deixou a lembrança de uma atmosfera desagradável. Havia no ar, desde o começo, uma contrariedade, uma irritação, uma superexcitação. E depois, para terminar, houve o choque com este terrível Cipolla, em quem toda a malignidade do ambiente parecia se encarnar e se concentrar perigosamente, figura nefasta e muito impressionante para os olhos humanos. (MANN, 1982, p.16)

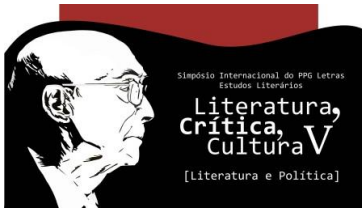
Thomas Mann soube muito bem trabalhar com o ar da profecia literária que se estabelecerá na vida social alemã: “As crianças não constituem, por si só, uma espécie humana e uma sociedade, por assim dizer, uma nação própria?” (MANN, 1982, p.24). A infância que admira o mágico e suas artimanhas constituirá, adiante, o *corpus* que elegerá as maquinações de uma supra raça ariana como mote de suas vontades e de seus desejos.

Os desejos de uma sociedade já fragilizada graças à problemática da primeira grande guerra alterna com os seus anseios no espetáculo e na vida privada, célula que mais tarde explodirá num átimo de desordem e caos: o holocausto, símbolo de perseguição e do resultado de um poder tirano quisto pelo povo: “A liberdade existe, a vontade também existe, mas a liberdade de vontade não existe, porque a vontade que se dirige à sua liberdade bate no vazio” (MANN, 1982, p.48).

Qual a obra *Os demônios*, de Dostoievski ou o *1984*, de George Orwell, Thomas Mann levanta questões que somente mais tarde seriam desvendadas pelos seus leitores, um mundo aparentemente encantador e hipnótico, mas que na verdade oculta uma patologia latente, perigosa e opressora, o poder que emergirá da juventude hitlerista: “Numa palavra, um horror. Além disso, este rapazinho de doze anos pertencia aos principais representantes de um estado de alma público difícil de definir, que estava no ar, e que nos estragava uma estadia que podia ser maravilhosa, tornando-a pouco segura.” (MANN, 1982, p.24).

4. O Professor Unrat: o vexame da derrocada de um ditador

O professor Unrat é metáfora para o apogeu e, ao mesmo tempo, declínio da civilização erudita alemã: o professor do título é um autoritário e sádico mestre que humilha e persegue os seus alunos.



ISSN: 1983-8379

A obra, que foi publicada em 1905, parte do pressuposto de também abarcar a problemática da tirania e da obediência não apenas na educação, mas também no âmago da civilização alemão pós-unificação e pré-nazista.

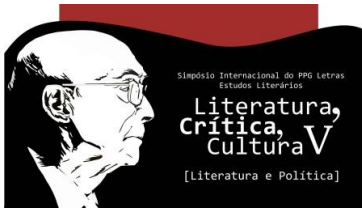
O título da obra de Heinrich Mann é um jogo metafórico: *Rat* significa conselheiro, já *Unrat* significa o resíduo do que não presta, ou o lixo. O professor do título é um lixo porque é imprestável para com a formação humana e afetiva de seus discentes, é um professor rígido e sarcástico. Unrat, cujo nome verdadeiro é Raat, é dono de alta erudição, porém não é uma figura gentil, a grosseria que lhe sobra é destacada por um forte tom de sadismo com que trata os seus pupilos: “Os alunos tinham se levantado para cumprimentá-lo, e o barulho extremo extinguiu-se de repente num silêncio dos mais atordoantes. Eles olharam para o professor como se ele fosse uma besta perigosa que infelizmente não lhes era permitido abater.” (MANN, 1985, p. 11).

A intelectualidade humanística e artística do professor é deturpada pelo modo de conduzir as aulas; com altas exigências nos deveres e a forte cobrança, os alunos tornam-se presa fácil às ordens ditatoriais de Unrat: “Pois atrás da fachada de moralista severo e admirador de ‘Goethe e Schiller’ esconde-se uma alma grosseira, suja mesmo, caindo vítima dos encantos de uma cantora de cabaré” (CARPEAUX, 1994, p.214)

Lohmann, o único da sala que enfrenta o temido professor será a ponte entre o mestre e a cantora-dançarina de cabaré, Fräulein Rosa Fröhlich, a enfermidade que derrubará Unrat. Ao evitar a entrada de seus alunos no cabaré chamado *Der Blauer Engel*, Unrat conhece Rosa Fröhlich e acabará por se apaixonar perdidamente pela mesma.

A forte atração de Rosa é jungida pelo erotismo da dança, do canto sensual e do olhar hipnótico com que mira os seus clientes. Unrat se encanta confortavelmente com a presença da cantora. A partir daí começará a derrocada do professor-ditador:

Ele teria sido feliz se tivesse ficado ainda mais forte; se numa crise de seu destino, que era de fato a misantropia, ele não tivesse se entregado à artista Fröhlich. Ela era o reverso de sua paixão: ela devia receber tudo, na mesma proporção em que os outros perdiam tudo. Quanto mais todos os outros mereciam ser esmagados, mais ela necessitava de cuidados. Recaía sobre ela seu superaguçado impulso afetivo de misantropo. (MANN, 1985, p. 209)



ISSN: 1983-8379

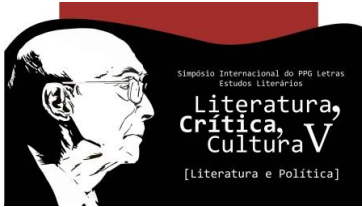
O enredo da novela é profícuo para com a mentalidade dos germânicos à época: a alta cultura alemã se rebaixando diante da ascensão de líder totalitário, mas, ao mesmo tempo, se degradando no que podemos chamar de tragédia de uma cultura influente na música erudita, na filosofia, na psicologia, na sociologia e nas artes em geral. A educação humanística e o primado pela pesquisa científica deu lugar ao vexame inglório da condução do grande terror do século XX: a segunda guerra mundial, os campos de concentração, a juventude hitlerista e o totalitarismo.

O percurso de Kracauer pelo cinema alemão esbarra na adaptação de *O Professor Unrat*, *O Anjo Azul*, obra na qual o teórico e crítico aborda o sadismo que teria sido uma das razões do êxito do filme. Contudo, Kracauer “não vê as relações entre sadismo e masoquismo – o tirano da cátedra e o escravo da cantora – que no romance são realçados lucidamente” (ROSENFELD, 1991, p.94).

Conclusão

A arte permite ao seu leitor a conclusão, mesmo que décadas ou séculos depois de seu lançamento, explorar um mundo constantemente novo, a arte re-vela a vida em que existimos e plasma, por conseguinte, novas perspectivas de olhar ao outro e ao mundo anterior ao nosso. Assim, tanto a arte cinematográfica quanto a arte literária, como visto no present trabalho, soube tratar muito bem de um tema por vezes delicado de se tratar na humanidade: o nazismo. A obra dos irmãos Mann e de Robert Wiene perpassam uma visão de mundo incisiva para com o homem social, psíquico e existencial que somos e que fomos.

Olhar ao passado é des-cobrir o que aparentemente já foi esquecido ou superado. A ferida aberta pelos regimes totalitários esteve há muito expressa nas mais diversas vertentes de obras de arte da humanidade, para isto basta relembrarmos Orwell, Dostoievski, Musil e Kafka, só para ficarmos em alguns exemplos. Artistas conseguem “enxergar” o que muitas pessoas e estudiosos no mesmo período não puderam ver. Não obstante, há de se destacar sempre o caráter universalista das obras de arte, principalmente aquelas de grande porte, tal qual as que aqui foram analisadas.



ISSN: 1983-8379

REFERÊNCIAS:

- CARPEAUX, Otto Maria. A Literatura Alemã. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- KRACAUER, Siegfried. De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1988.
- MANN, Heinrich. O anjo azul (Professor Unrat). São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1985
- MANN, Thomas. Mário e o Mágico. São Cristovão: Arte Nova, 1982.
- ROSENFELD, Anatol. Letras Germânicas. São Paulo: Perspectiva, 1991.